

“OS ARQUIVOS DOS PÉS”: A CAMINHADA DE CAMPO NA HISTÓRIA DO ESPORTE ¹

Martin Polley

De Montfort University

Leicester, Reino Unido

martin.polley@dmu.ac.uk

Resumo

O patrimônio histórico esportivo é uma preocupação em crescimento, com clubes e entidades gestoras cada vez mais interessadas em apresentar seu passado. Este artigo trabalha com uma hipótese básica: os lugares onde esportes ocorreram no passado interessam ao presente. Historiadores do esporte reconhecem essa questão e as têm levado cada vez mais em consideração. Pode-se observar assim um crescente interesse em algumas questões chave na história do esporte: o que acontece quando locais esportivos antigos são abandonados? Como a reurbanização de locais antigos acomoda a memória do que aconteceu lá? Os traços de utilização esportiva permanecem muito após o campo e as arquibancadas terem sido reduzidos a arqueologia e substituídos por residências, lojas ou escritórios? É com essa questão – como perceber os locais esportivos depois que o esporte desapareceu – que me preocupo aqui. No entanto, falta a alguns estudos um método importante ao estudar essas questões: o contato físico com o local. O que pretendo fazer aqui é advogar pela maior utilização da caminhada de campo como método na pesquisa histórica do esporte, e dar como modelo um estudo de caso de uma caminhada de campo em um importante local que deixou apenas traços mínimos, o percurso da maratona olímpica de 1908, que caminhei em seu ano centenário, como parte de minha pesquisa atual sobre os primeiros Jogos Olímpicos de Londres.

Palavras-Chave: Caminhada de Campo; fontes e metodologia; cultura material esportiva.

Abstract

“The Archive of the Feet”: Field Walking in Sport History

Sports heritage is a growing concern, with clubs and governing bodies are taking an increasing interest in presenting their past. Underlying this article is a basic assumption: that the places where sport happened in the past matter in the present. Sports historians are recognizing these issues, and have increasingly taken ‘place’ into account. There has

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 35, número 2, 2008, p. 311-329. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte.

thus been an increased interest in some key issues in sports history: what happens when old sporting sites are abandoned? How do redevelopments of old sites accommodate the memory of what happened there? Do traces of the sport usage remain evident long after the field and the stands have been reduced to archaeology and replaced by housing, shops, or offices? It is this issue – how to get a feel for sport sites when the sport has gone – that concerns me here. However, some studies miss a key method when studying this question: physical engagement with the site. What I aim to do here is to advocate an increased use of field walking as a method in sports history research and to model it with a case study of a field walk on an important site that left only minimal traces behind, the route of the 1908 Olympic Marathon, which I walked in the centenary year as part of my on-going research on the first London Olympics.

Keywords: Field Walking; sources and method; sportive material culture.

O patrimônio histórico esportivo é uma preocupação em crescimento. Clubes e entidades gestoras estão cada vez mais interessadas em apresentar seu passado, normalmente demonstrados em visitas corporativas a estádios, de Manchester a Melbourne, que incluem salas de troféus e lugares chave, onde famosos eventos ocorreram. Galerias da fama e museus esportivos nos apresentam os artefatos de seus passados; objetos ordinários, como uniformes e equipamentos de jogo, que se tornaram sagrados pela associação com os grandes nomes de seus jogos, como os tênis de corrida de Lasse Virén, no Museu Esportivo da Finlândia. Museus regionais incluem coleções esportivas para ajudar a contar a história de suas localidades, ao passo que museus nacionais montam exposições especiais a fim de destacar a importância social e cultural do esporte, como a do *Victoria and Albert Museum*, em 2008, sobre cartazes olímpicos. Autoridades centrais e locais de todo o mundo comemoram esportistas em estátuas, nomes de ruas, edifícios públicos, selos de correio e moedas, da estrada *Brian Clough Way*, entre Nottingham e Derby, à estátua de Joe Louis no centro de Detroit, da aparição de Donald Bradman em uma moeda de vinte centavos australiana à pista de corrida Mary Peters, em Belfast. Órgãos estatutários, como o *English Heritage* também estão se

interessando pelo esporte, explorando formas nas quais a cultura material remanescente do esporte possa ser protegida e apresentada, com ênfase especial em equipamentos comunitários de prática esportiva, como campos de bowls e piscinas públicas.²

Por trás desse crescimento diferenciado no patrimônio histórico esportivo, que é alimentado por uma mistura, por vezes tensionada, de interesses comerciais, acadêmicos e comunitários, há uma hipótese básica: os lugares onde esportes ocorreram no passado interessam ao presente. O geógrafo e historiador do esporte John Bale ligou isso à noção de “topofilia”, onde locais esportivos podem “criar memórias afetivas, ou fornecer um sentimento de localidade” para as pessoas que os frequentam, para jogar e/ou assistir (BALE, 1994, p. 121). As emoções envolvidas são profundamente históricas, em uma forma mais emotiva do que acadêmica, ligadas a biografias pessoais, a histórias familiares e ao sentimento de desenvolvimento e identidade da comunidade. Historiadores do esporte estão reconhecendo essas questões e as têm levado cada vez mais em consideração, desde o inovador trabalho de Bale, *Landscapes of Modern Sport*, de 1994. Essa tendência também influenciou a remodelação de muitos estádios, tendo em vista adequá-los aos consumidores pós-industriais, tanto no estádio como nos assentos, uma tendência tipificada pela demolição de muitos estádios de futebol antigos na Inglaterra após a tragédia de Hillsborough de 1989³, e suas reconstruções como instalações modernas em terras pós-industriais.

Essa onda recente de demolições de estádios e reurbanizações levantou um importante tema na história do esporte: o que acontece quando locais esportivos antigos

² *Played in Britain*. Disponível em: <http://www.playedinbritain.co.uk/index.php>. Acesso em: 01 out. 2009.

³ Incidente ocorrido em 15 de abril de 1989 durante a disputa da semifinal da Taça da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forrest, no estádio Hillsborough, em Sheffield, Inglaterra. 96 torcedores morreram e mais de 700 ficaram feridos, devido a superlotação do estádio (Nota do Tradutor).

são abandonados? Como a reurbanização de locais antigos acomoda a memória do que aconteceu lá? Os traços de utilização esportiva permanecem muito após o campo e as arquibancadas terem sido reduzidos a arqueologia e substituídos por residências, lojas ou escritórios?

Em muitos casos, alguns elementos de memória cultural foram inseridos no novo layout. Alguns exemplos de Southampton, uma cidade portuária na costa meridional da Inglaterra, ilustram essa tendência. Em *The Dell*, o campo do Southampton FC de 1989 até sua demolição em 2001, quando o clube se mudou para um novo estádio construído com uma nova proposta, a forma do novo conjunto habitacional segue o formato do campo e das arquibancadas, enquanto todos os edifícios receberam nomes em homenagem a jogadores e técnicos do Southampton, como Matthew Le Tissier e Ted Bates. A um quarto de milha de distância, na Northlands Road, o *Country Ground* foi a principal sede do Hampshire Country Cricket Club desde 1885. Em 2001, o clube se mudou para uma sede fora da cidade e vendeu a área para reurbanização, e o conjunto habitacional agora construído no local inclui uma escultura que remete a um wicket, ao passo que a praça *Marshall Square* celebra um grande jogador. Essa tendência pode ser observada em cidades por todo o país, tendo seu caso mais famoso em Highbury, deixado pelo Arsenal FC em 2006 – lá, uma das arquibancadas foi transformada em apartamentos de luxo, enquanto o local do campo se tornou um jardim comunitário.

Essa celebração pode tornar relativamente fácil para historiadores perceberem a geografia desses lugares. No entanto, muitos outros locais esportivos ficaram perdidos sem esses traços: estádios de atletismo que perderam seu público, campos de escolas que foram vendidos para fins de reurbanização, locais de brigas de urso e de galo, que se tornaram ilegais. Enquanto alguns desses locais deixaram traços arqueológicos ou de suas

edificações, um número ainda maior não os deixou, e as únicas pistas de sua localização exata estão em mapas antigos ou em fotografias que podemos comparar a partir de elementos remanescentes.

É com essa questão – como perceber os locais esportivos depois que o esporte desapareceu – que me preocupo aqui. Nosso ponto de partida para tais locais será a evidência documental. Devemos utilizar mapas históricos para nos guiar onde os locais eram e como eles se inter-relacionavam com seus ambientes, e evidências visuais contemporâneas – gravuras, pinturas, fotografias e filmes, o que estiver disponível – para termos uma noção das dimensões, das cores e da aparência, para que possamos ir além a dimensão única oferecida pelo mapa. A história oral também pode ajudar para o passado recente, nos proporcionando insights pessoais sobre como os espaços eram utilizados, e como era o cheiro, os sons e o sentimento de estar ali. Da mesma forma, reportagens de jornais da época podem nos oferecer um sabor da atmosfera e do ambiente. Relatórios oficiais sobre a organização e os regulamentos do evento também podem estar disponíveis.

No entanto, um ingrediente chave está faltando na mistura de fontes e métodos: o contato físico com o local, o que o historiador Simon Schama (1995, p. 24), citando um de seus antigos professores, chama de “os arquivos dos pés”. O que pretendo fazer aqui é advogar pela maior utilização da caminhada de campo⁴ como método na pesquisa histórica do esporte, e dar como modelo um estudo de caso de uma caminhada de campo em um importante local que deixou apenas traços mínimos, o percurso da maratona

⁴ O termo *Field Walking* se refere ao método de pesquisa arqueológica utilizado para coletar informações sobre a localização, distribuição e organização de culturas humanas passadas em grandes áreas. Ainda que o termo seja por vezes traduzido como “prospecção de superfície”, optei por traduzi-lo como “caminhada de campo”, que julguei ser mais adequado ao artigo, por sua analogia ao termo “pesquisa de campo”, comum às ciências humanas e sociais (N. T.).

olímpica de 1908, que caminhei em seu ano centenário, como parte de minha pesquisa atual sobre os primeiros Jogos Olímpicos de Londres.

A Caminhada de Campo como Pesquisa Histórica

São muitas as vantagens que nós, historiadores, podemos ganhar de uma maior caminhada de campo, além dos benefícios de saúde de sair da sala de aula, do arquivo ou da biblioteca e ir para o ar livre. Metodologicamente, os benefícios que podem advir para o nosso entendimento também podem ser significativos se adicionarmos às visitas aos arquivos, visitas aos locais estudados. Estar lá nos dá, no mínimo, uma noção de localização, uma estimativa – ainda que muito do panorama natural e urbano possa ter mudado desde o período em que o esporte ocorreu – das dimensões, das distâncias entre coisas, dos campos de visão e das vistas, da topografia e do clima, e como todos esses aspectos do local podem ter influenciado a prática e a assistência do esporte.

As caminhadas de campo também podem nos ajudar a entender como locais de esporte antigos foram tratados na reurbanização. Em alguns casos, o traçado de rodovias permanece relativamente fiel ao traçado do esporte. A rua Stanley Crescent em Notting Hill Gate, Londres, ainda segue a curva da pista de corrida fechada em 1841, enquanto na Toscana, o mercado de Lucca tem um encaixe perfeito nas fundações do anfiteatro romano. Esse tipo de adaptação do espaço nos remete à busca do historiador do esporte Richard Holt por permanências e mudanças na história do esporte, no nível do micro. Utilizando os exemplos de Southampton mais uma vez, podemos traçar algumas partes da história da cidade moderna através dos abandonos de seus campos de futebol e críquete do século XIX, uma história que nos leva às demandas pós-industriais por habitações e a mudança para uma economia e um estilo de vida pós-industriais que as acompanham.

Assim, o historiador do esporte pode ligar o jogo a seus contextos socioeconômicos de forma clara, com o destino das praças esportivas servindo como um índice para a mudança histórica em comunidades. Resumindo, estar lá pode adicionar tanto detalhes geográficos como consciência contextual à nossa pesquisa do esporte.

A caminhada de campo, apoiada por pesquisas em bibliotecas e arquivos, é benéfica ao nosso trabalho, como pretendo demonstrar em minha exploração olímpica. Existe o risco, é evidente, de que mesmo com o auxílio documental, a caminhada de campo na história do esporte possa se tornar algo excessivamente similar a uma atividade de antiquário, ou pouco mais do que um exercício de turismo, um tipo de visita guiada com o esporte como objeto especial. Registrar lugares, medir distâncias e tratar toda a atividade como mais um meio de acesso a fatos empíricos também é simples demais. Isso tem o seu lugar, mas se é tudo o que fazemos, então pode acabar sufocando os impulsos criativos e críticos que são tão importantes para a escrita da história que julgamos interessante.

Por essa razão, precisamos levar guias intelectuais conosco, assim como nossos mapas e nossos sapatos de caminhada; precisamos desenvolver teorias metodológicas de caminhada e de relacionamento com a antiga paisagem esportiva. Geralmente, não encontramos nada que marque os locais históricos do esporte, e precisamos de meios para lidar tanto com essas ausências como com as presenças. Cada um de nós tem inspirações em outros campos de nossas pesquisas, nossos gurus metodológicos e guias de quem aprendemos como ler documentos, como considerar as evidências, e o que fazer com elas; e o mesmo se aplica à caminhada de campo. Meus débitos ao desenvolver uma caminhada informada sobre o percurso da Maratona de 1908 se devem a um grande número de

peessoas de diversos campos diferentes. Utilizadas criticamente, suas ideias podem se provar benéficas a todas as caminhadas de campo na história do esporte.

Meu primeiro guia foi o decano de história local inglesa, W. G. Hoskins. Em *Local History in England* (História Local na Inglaterra), publicado originalmente em 1959 e revisado em 1972, ele instava historiadores locais a saírem ao campo: “O grande cientista Humboldt dizia que nenhum químico deveria ter medo de molhar as mãos. Pelos mesmos motivos, nenhum historiador – e com certeza, nenhum historiador local – deve ter medo de molhar os pés” (HOSKINS, 1984, p. 3). Hoskins foi um guia prático e não era explicitamente teórico, e como é comum com aqueles historiadores que não chamam atenção às suas perspectivas teóricas, seu trabalho foi rotulado por um suposto empiricismo. Ele desejava que historiadores locais – acadêmicos ou populares, profissionais ou amadores – acertassem naquilo que faziam, desenvolvessem os detalhes sobre o que acontecera naquele local, e como como as diferentes fases da história de uma comunidade se relacionavam umas com as outras.

Juntamente com Hoskins, nomeio Simon Schama, cujo *Landscape and Memory* (Paisagem e Memória), de 1995, levou historiadores culturais e sociais a pensar em lugares e nos significados que atribuímos a eles. Ele enfatizou a relação existente entre os lugares “onde a história e a geografia se encontram”, as disputas políticas e culturais acerca da preservação de algumas paisagens e da destruição de outras, e os significados que comunidades atribuem a seus rios, florestas e montanhas (SCHAMA, 1995, p. 139). Essas ideias podem ser uma inspiração para qualquer um que deseje ir além a parte óbvia da paisagem esportiva de uma cidade – seus estádios e piscinas, por exemplo – e olhar para as formas nas quais esses locais receberam camadas de significados ligados a classe, comunidade e identidade geracional.

Hoskins e Schama não falaram muito sobre esporte, excetuando o trabalho de Schama sobre montanhismo. Ainda assim, sua combinação complementar de leituras críticas e empíricas de lugares pode ensinar muito a historiadores do esporte. Junto a eles, nomeio John Bale, o geógrafo do esporte com sensibilidades históricas, que fez mais do que qualquer outro para levar os historiadores do esporte a pensar sobre os significados que pessoas atribuem a seus locais esportivos e a considerar a geografia. *Landscapes of Modern Sport* (Paisagens do Esporte Moderno) nos fornece um rico vocabulário, que nos ajuda a interpretar locais esportivos, de estádios e sedes de clubes individuais até extensões do campo dedicadas a caça, esqui, ciclismo ou escalada. O conceito chave de topofilia – o amor ao lugar –, que ele aplicou a tais locais, complementa o trabalho de historiadores sociais e culturais interessados em hábitos de espectadores e em formações de identidades. Da mesma forma, sua utilização do oposto de topofilia, a topofobia, a locais esportivos nos quais nos sentimos desconfortáveis, nos ajudou a compreender ambientes esportivos hostis. A aplicação de Bale do conceito de “deslugar” (*placelessness*) ao esporte nos proporciona uma compreensão teórica sobre o processo de globalização no esporte, especialmente das formas nas quais instalações, como pistas de corrida olímpicas, se tornaram padronizadas, independentemente de sua localização geográfica (BALE, 1994; 2004).

Ao lado de Bale, devemos colocar Simon Inglis e o projeto *Played in Britain* (Jogado na Grã-Bretanha) da editora English Heritage, que muito contribuíram para que a herança patrimonial do esporte fosse levada a sério. Os livros dessa coleção fizeram uma importante defesa para que artefatos e construções esportivas fossem registrados e, quando possível, preservados, da mesma forma que são protegidas outras construções mais tradicionais, como castelos e casas senhoriais (BEAUCHAMPÉ e INGLIS, 2006;

GORDON e INGLIS, 2009; INGLIS, 2004; 2005; PHYSICK, 2007; SMITH, 2005). Essa é uma herança vinda de baixo, que complementa o crescente interesse de museus e entidades de patrimônio histórico em objetos e locais da vida cotidiana, o que pode ser visto em iniciativas pós-industriais como o *Beamish Mining Museum*, em County Durham e a aquisição de um grupo de casas conjugadas de operários em Birmingham pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional britânico. Através da coleção *Played in Britain*, a English Heritage colocou o patrimônio histórico esportivo no radar de historiadores e de lobistas patrimoniais. Esses livros são excelentes manuais de treinamento para qualquer um que deseje realizar caminhadas de campo com olhos abertos para paisagens históricas do esporte, como nomes de ruas, formas de ruas associadas a esportes e locais remanescentes. Seus trabalhos também têm um papel funcional no lobby para a proteção e o investimento no patrimônio histórico esportivo. Assim, somos levados a refletir acerca do argumento de Schama, sobre “quais paisagens seriam dignas de preservação” e por quê (SCHAMA, 1995, p. 139).

A caminhada de campo na pesquisa histórica tem um modelo há muito estabelecido fora da história local, na disciplina de história militar. Assim, eu adicionaria o principal praticante da arte de caminhada de campos de batalha, Richard Holmes, à minha lista de guias. Holmes (1995; 2003) combinou detalhadas narrativas de batalhas contextualizadas com descrições em “O Campo Hoje”, em seu *Army Battlefield Guide* (Guia dos Campos de Batalha do Exército) de 1995, ou em “Uma Visão do Campo”, na coleção *War Walks* (Caminhadas de Guerra). Essa abordagem nos oferece exemplos de como interpretar locais históricos quando as próprias paisagens mudaram desde os eventos. Holmes também é excelente em notar e contextualizar a cultura material no campo de batalha, outra habilidade que necessitamos na história do esporte. Tais trabalhos

nos oferecem modelos de caminhadas em paisagens contemporâneas utilizando mapas históricos como guias e de leituras de características – talvez de desenhos de ruas sobre traçados de pistas de corridas, ao invés de morros dos quais ataques decisivos foram lançados – para adquirir um sentido do que aconteceu e em qual lugar. O esporte pode parecer trivial perto disso – substituímos o banho de sangue de Ypres por pessoas jogando futebol; e a concentração de tropas em Southampton Common, em seu caminho para a Normandia em 1944, por multidões assistindo corridas de turfe. Mas toda história do esporte poderia sofrer com esse complexo de inferioridade, se comparada à história militar, e isso não é um motivo para não utilizarmos seus métodos.

Meu último guia, e provavelmente o mais heterodoxo de todos, é Iain Sinclair, um poeta e autor de Londres, que explora a cidade com um olhar que sobrepõe história, geografia e psicologia, “percebendo parcialmente revisões no tecido de tudo” (SINCLAIR, 2009, p. 7). Essa abordagem é especialmente radical, uma vez que nos obriga observar os tipos de paisagens geográficas e urbanas que os roteiros turísticos mais óbvios ignorariam. Na verdade, ele desdenha da “arquitetura oficialmente aprovada e publicada” dos roteiros turísticos (SINCLAIR, 1997, p. 121). Em *Orbital*, por exemplo, ele caminhou o perímetro da M25, a autoestrada que circunda o contorno de Londres, algo que motoristas vivenciam como “um passeio de três horas com vistas entediadas” e que nunca foi pretendida como um caminho para pedestres (SINCLAIR, 2003, p. 328). Durante sua caminhada, suas observações sobre “o tecido de tudo” abordam reflexões sobre o Conde Drácula, Gerrard Winstanley e a viagem de carro de 24 horas de S.F. Edge em Brooklands, em 1907. Seu *Lights Out for the Territory* (Luzes Apagadas pelo Território), de 1997, foi baseado em uma série de caminhadas excêntricas por Londres, indo da recuperação das linhas esotéricas nas quais Christopher Wren baseou seus planos

para a reconstrução de Londres ao percurso do funeral do gangster de East End, Ronnie Kray, em 1995. Mais recentemente, Sinclair voltou sua atenção à Hackney, na zona leste de Londres, um lugar que nunca esteve nos roteiros turísticos, mas que tem recebido atenção como o local dos Jogos Olímpicos de 2012 (SINCLAIR, 2009). O fato de que o criticismo de Sinclair sobre projeto Olímpico fez com que ele fosse proibido de ler seu trabalho em livrarias locais é uma evidência da natureza crítica de tais explorações.⁵

Sinclair defende a caminhada na tradição do flâneur, o andarilho criado pelo poeta francês do século XIX, Charles Baudelaire, que anda pela cidade observando e coletando detalhes, informado por uma mistura de conhecimentos locais e um desligamento irônico da vida cotidiana dos habitantes da cidade. Inspirado tanto por Baudelaire como pelo abrangente Trabalho das Passagens, de Walter Benjamin (1999a), Sinclair defende a caminhada como

a melhor forma de explorar e aproveitar a cidade: as mudanças, as transformações, as falhas no panorama urbano, o movimento da luz na água. Vagar propositadamente é o modo recomendado, andando à deriva na terra asfaltada em um devaneio alerta, permitindo que a ficção de um padrão oculto se revele (SINCLAIR, 1997, p. 4).

Essa abordagem traz o historiador do esporte a um modo reflexivo na caminhada de campo, no qual a autobiografia do(a) pesquisador(a) claramente influencia as escolhas que ele(a) faz sobre onde “vagar propositalmente”. Como Benjamin colocou em seu ensaio “O Retorno do Flâneur”, em 1929, “O relato de uma cidade dado por um nativo sempre terá algo em comum com um livro de memórias” (BENJAMIN, 1999b, p. 262). Para minha jornada ao longo do percurso da maratona, esse aspecto foi especialmente ressonante, uma vez que cresci na zona oeste de Londres, não muito longe de partes do

⁵ Rachel Cooke. “Iain Sinclair”. The Observer, Londres, 08 fev. 2009. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2009/feb/08/iain-sinclair-interview>. Acesso em: 01 out. 2009.

percurso, e estudei muito próximo a sua parte final, em White City. Mais ainda, meu percurso regular de corrida cross country escolar, dos onze aos dezoito anos de idade, foi em Wormwood Scrubs, o terreno aberto que os maratonistas de 1908 atravessaram. Além disso, a ênfase à percepção de características aleatórias, coincidências e ironias, dada nesse tipo de caminhada de campo, também empurra o historiador à posição pós-moderna. É aqui que podemos imaginar Hoskins buscando, em choque, o conforto documental do arquivo. No entanto, podemos aprender muito da peregrinação informada dessa abordagem, especialmente quando nos afastamos da visão do flâneur como um dândi parisiense da Terceira República, e vemos o papel, como colocado pelo sociólogo e filósofo Chris Jenks (1995, p. 156), como uma metáfora para “uma postura criativa de questionamento urbano”.

Esse conjunto de guias é deliberadamente eclético e provocativo. Eu os escolhi pelas ideias particulares que seus trabalhos podem trazer para a caminhada de campo do historiador. Existem algumas tensões e contradições em potencial entre eles, e nenhuma de suas abordagens deve ser adotada de forma acrítica. Sinclair, por exemplo, está sempre em busca de uma psicogeografia de lugar, que vê energias espirituais em lugares chave, uma ideia com a qual não me sinto inteiramente confortável; ao passo que eu poderia adotar a agora tradicional postura de protesto do historiador do esporte e criticar Hoskins por não incluir locais esportivos em suas explorações de local, e por sua presunção implícita de que o esporte é menos importante do que religião, governo local e comércio. Tais ressalvas à parte, esses guias oferecem uma variedade de ideias desafiadoras e informativas sobre métodos e propostas, sobre o que procurar e como olhar para uma paisagem esportiva perdida, a partir de uma abordagem criticamente embasada.

A Maratona Olímpica de 1908

Ao longo dos últimos anos, estive pesquisando diversos aspectos da história e do patrimônio histórico olímpico do Reino Unido, e me senti cada vez mais atraído para a Maratona Olímpica de 1908 como parte da história. A corrida em si, realizada em 24 de julho de 1908, foi bem narrada em diversos relatos de vários gêneros, indo da história popular à análise estatística (MALLON e BUCHANAN, 2000, p. 63-67; MARTIN e GYNN, 2000, p. 63-80; BRYANT, 2008; JENKINS, 2008, p. 188-261; WILCOCK, 2008). Ela ocupa um lugar único na história olímpica por duas razões. Primeiro, a distância utilizada para o percurso de 1908, do Castelo de Windsor ao Grande Estádio em Shepherd's Bush – 26 milhas e 385 jardas – se tornou, subsequentemente, a distância padrão da maratona. Segundo, a própria corrida ficou famosa pela história de Dorando Pietri, o corredor italiano que entrou no estádio em primeiro lugar, mas caiu na pista e teve que ser levantado pelos delegados da corrida e ajudado a atravessar a linha de chegada. Sua vitória heroica teve vida curta, pois os representantes dos EUA reclamaram, corretamente, da ajuda física que Pietri recebera. John Hayes, dos EUA, o segundo a atravessar a linha de chegada naquele dia, ficou com a vitória. O entusiasmo britânico pelo azarão, exacerbado aqui pelo fato de que os impopulares estadunidenses foram percebidos como culpados por terem roubado os láureos do valente italiano, fez de Pietri um herói, e ele entrou em algumas narrativas como o vencedor moral da corrida. A história de Pietri foi embelezada ao longo dos anos, com um relato chegando a afirmar que ele “entrou em um coma desesperadamente próximo da morte pelos dois dias que sucederam a sua queda”, apesar de evidência jornalística de 1908, que mostrou que ele retornou ao estádio no dia seguinte à corrida e pegou seu troféu de consolação com a Rainha Alexandra, sem que ninguém o ajudasse a subir os degraus (NOAKES, 1986, p.

231). Outros aspectos da corrida, como o misterioso mal desempenho do canadense Tom Longboat e a péssima exibição da equipe britânica, também são bem contados pela historiografia.

Dois elementos da corrida me parecem inexplorados. O primeiro foi o planejamento do percurso. Precisamos saber como esse percurso, que causou a mágoa e o heroísmo do dia e depois foi consagrado na logística do atletismo moderno pela sua distância, foi idealizado, algo que explorei recentemente em um artigo recente (POLLEY, 2009). Enquanto pesquisava isso nos arquivos da *Amateur Athletics Association* (AAA) na Universidade de Birmingham, no *Polytechnic Harriers* na Universidade de Westminster, e em coleções de jornais locais de Slough a Shepherd's Bush, me senti cada vez mais atraído pela recuperação do percurso, a transpô-lo em um mapa moderno, e a caminhar por ele. Senti que isso me daria uma perspectiva sobre o evento que não poderia ser oferecida por nada mais. O fato de que o percurso era efêmero, e que, diferentemente de outros locais esportivos, não tinha gerado nenhuma edificação ou formato territorial especial, tornava-o mais atraente: aqui se encontrava algo central à história das Olimpíadas modernas (e, por sua distância, ao esporte moderno como um todo), mas que era provavelmente invisível no terreno onde ocorreu.

Eu também via o percurso como uma oportunidade de refletir sobre a ideia chave na historiografia do esporte, de que os esportes iluminam outros aspectos da sociedade. Estamos acostumados a pensar o esporte contextualmente, e a estabelecer relações mais amplas entre o que as pessoas fizeram no esporte, e acerca dele, e suas atitudes, costumes e realidades econômicas: de como tratavam seus corpos a como tratavam animais, e do que faziam com seu orçamento disponível ao que faziam em seu tempo livre. O esporte é geralmente apresentado aqui como uma janela para a sociedade, ou um prisma através do

qual podemos observar uma época. O percurso da maratona me pareceu uma forma de adotar essa premissa básica de contextualizar o esporte e utiliza-lo como instrumento para enquadrar tendências mais abrangentes, mas tornando-o físico ao observar o que o percurso poderia nos informar sobre a geografia humana da Londres eduardiana. Mais ainda, sempre me inspirei na ideia de Richard Holt, de sempre procurar por permanências e mudanças na história do esporte: “entender o quanto as coisas *não* mudaram é tão importante quanto compreender o quanto elas o fizeram” (HOLT, 1989, p. 3, ênfase no original). Adotando essa ideia, vi o percurso da maratona como uma oportunidade de observar permanências e mudanças não somente no esporte, mas também na geografia humana ao longo de um século. Nesse sentido, ainda podemos ver o percurso da maratona de 1908 como o local de um evento chave na história do esporte moderno, e utilizá-lo, com toda sua ressonância esportiva, mas nenhuma construção esportiva remanescente, para descobrir mais sobre a história inglesa. Mais do que um enquadramento, uma janela ou um prisma, planejei caminhar as estradas, as ruas suburbanas e os shopping centers de onde a Maratona de 1908 aconteceu, de forma a encontrar um percurso pela história.

Com esse plano, realizar uma caminhada era minha única opção. Correr, infelizmente, não era realístico para mim em 2008, mas eu posso fazer da necessidade uma virtude, ao notar que um flâneur nunca se dignaria a vestir tênis e shorts: além disso, anotações, fotografias e “perceber parcialmente revisões no tecido de tudo” (SINCLAIR, 2009, p. 7) são impossíveis de serem realizadas em uma corrida. Dirigir estava simplesmente fora de questão, tanto por motivos práticos – muitas partes do percurso são intransponíveis de carro – quanto pelo espírito da coisa: se eu desejava ganhar algum tipo de ideia ou empatia com os homens que disputaram a corrida, e para ter algum senso de distâncias, campos de visão, aclives e declives, então teria que fazê-lo a pé.

Como demonstrei em outro lugar, o Comitê Olímpico Britânico (BOC) delegou o planejamento dos eventos atléticos de 1908 para a AAA, que por seu lado delegou a maratona ao Polytechnic Harriers, o clube de atletismo do Curso Politécnico da Regent Street em Londres (POLLEY, 2009). O principal organizador foi Jack Andrew, secretário do clube, que viu a maratona como uma forma de “estimular o interesse em corridas de longa distância”.⁶ O Comitê Olímpico Internacional (COI) apenas exigiu que o percurso tivesse aproximadamente 40 quilômetros. Andrew e seus colegas criaram um percurso longe do centro de Londres, a fim de evitar congestionamentos, e que abrangesse alguns locais históricos, incluindo o Castelo de Windsor e duas das principais escolas particulares da Inglaterra, Eton e Harrow. O percurso ia do Castelo de Windsor para a zona oeste de Londres, ao estádio em Shepherd’s Bush, em um arco, na direção nordeste até Pinner e depois a sudeste, até o final. A distância final, uma vez que o ponto de partida foi estabelecido no jardim do Castelo de Windsor e a linha de chegada demarcada em frente à tribuna real do estádio, era de 26 milhas e 385 jardas (POLLEY, 2009).

Mapear o percurso nas estradas atuais foi um desafio menor. O relatório oficial de 1908 forneceu uma descrição em prosa que é simples o suficiente de ser seguida em termos gerais, e sua lista de marcas de milhagem apresentou evidências sólidas (COOK, 1908, p. 69). Entretanto, ele não incluía um mapa, e a descrição em si é frequentemente inconsistente em detalhes. Ele não possuía nenhuma instrução direta – poucas esquerdas e direitas subjetivas, mas nenhum ponto cardeal. Ele pulava de distâncias específicas – “Estrada para Londres por 925 jardas” – para grandes pedaços em frases simples, como “siga as linhas de bonde até a Torre do Relógio do Jubileu em Harlesden”, uma distância de aproximadamente três milhas (COOK, 1908, p. 73-74). Os historiadores da maratona

⁶ Polytechnic Harriers Marathon Trial Race, 25 abr.1908, programa oficial, p. 8, cópia, PHA 5/2, arquivo 1, Arquivos da Universidade de Westminster, Londres.

David Martin e Roger Gynn afirmam que a descrição oficial fornece “uma combinação quase incompreensível de ruas e edificações locais” (MARTIN e GYNN, 2000, p. 70). A tarefa de mapeamento, no entanto, é simplificada quando utilizamos o relatório em conjunto com o mapa do percurso publicado no *The Times* em 24 de julho de 1908, na véspera da corrida, que incluía todas as marcas de milhagem, e com a versão de 18 de julho de 1908 do *Illustrated London News*, que trazia fotografias das vistas de algumas marcas de milhagem.⁷

No entanto, apesar desses úteis documentos, ainda existem algumas poucas transcrições difíceis de serem realizadas, causadas por mudanças no formato das ruas e em áreas de pedestres criadas nos centros de algumas cidades (especialmente Uxbridge e Harrow), e pela perda de algumas edificações e outros pontos de referência citados no relatório – o próprio estádio, as linhas de bonde de Wembley a Harlesden, a usina de gás de Pinner – e a renomeação de linhas de trem e estações, como a estação Ruislip e Ickenham, agora chamada West Ruislip. A perda do estádio não foi um desafio real para mim, pois passei por ele todos os dias por sete anos, a caminho da escola, mas existem poucos indícios sobre sua localização para qualquer um que fosse novo na região. Entretanto, um pouco de trabalho comparativo com mapas da grande Londres moderna e do final do período vitoriano; um trabalho detalhista de quadro a quadro no Google Maps, com o relatório oficial de 1908 na minha frente; e um pouco de pesquisa sobre estradas de ferro e sobre a história das rotas de bondes me forneceram o que acredito ser um trajeto preciso. Ele coincide com o percurso de Martin e Gynn em sua maior parte, mas discordo de suas leituras sobre os trechos finais. O percurso deles atravessa Wormwood Scrubs e adentra a Scrubs Lane, que então se torna Wood Lane, e depois entra no estádio

⁷ “The Olympic Games”. *The Times*, Londres, 24 jul. 1908, p. 9; *Illustrated London News*, Londres, 18 jul. 1908, p. 90-91.

(MARTIN e GYNN, 2000, p. 69). Isso os afasta do que aponta o relatório, do “caminho entre o presídio e a Enfermaria Hammersmith até Ducane Road” (COOK, 1908, p. 74). O relatório foi publicado após o evento, e a versão da Ducane Road é sustentada por reportagens da época, registros policiais sobre como o percurso foi vigiado e controlado, e por uma fotografia de Pietri virando à esquerda, ao sair da Artillery Lane para a Ducane Road, com os muros do presídio visíveis atrás dele.⁸

Utilizadas em conjunto, essas fontes primárias me permitiram reconstruir o percurso no espírito da abordagem de Hoskins à história local: mapas, jornais, documentos oficiais, registros governamentais, fotografias – eram aqui corroborações. Caminhar o percurso ao longo de dois dias, com uma parada de pernoite perto da metade, em Ruislip, para tirar a pressão do tempo, me permitiu lidar com o percurso fisicamente.

Seria insincero dizer que alcancei qualquer tipo de empatia mais profunda com os maratonistas. Desconsiderando correr o campo ao invés de o caminhá-lo, vestir roupas e sapatos comuns a 1908, abastecido pela nutrição de esportistas de 1908, que era forte em carne vermelha e baixa em carboidratos, qualquer empatia real seria impossível. No entanto, minha caminhada de campo me deu, de fato, uma indicação do que aquilo deve ter sido. Os aclives não mudaram significativamente ao longo do século, especialmente a sutil, porém longa, subida em Stonebridge Park, perto da marca de 23 milhas, em Hillside, próximo a Craven Park. Havia poucas áreas com sombras em 1908, no que foi uma “fechada, quente e mormacenta ... tarde de verão, quando o sol estava disfarçadamente forte e havia muito pouco ar”, e há muito poucas ainda hoje, com apenas as árvores ao norte de Slough oferecendo alguma sombra de verdade (COOK, 1908, p. 75). Como veremos, muito da arquitetura não foi modificado, me permitindo sentir o que viam os

⁸ The National Archives of the U.K.: MEPO 2/1156; Centenary of Dorando Pietri's Feat in London 1908. Disponível em: http://www.dorandopietri.it/galleria_en.asp. Acesso em: 01 out. 2009.

maratonistas; e o local estratégico de Wormwood Scrubs, o campo aberto que os corredores alcançariam a menos de uma milha do estádio, permanece aberto, e ainda é fácil sentir a mudança na superfície da pista, que os maratonistas teriam experienciado ao passar da estrada para a grama. Muitos dos pubs que ofereciam refrescos aos corredores, como fora listado no Relatório Oficial, permanecem no mesmo local, o que me permitiu perceber as distâncias entre os pontos de bebidas, e fiz questão de pegar água em cada um desses lugares em honra aos maratonistas. Meu desejo por empatia não se estendeu ao uso de pacotes de refresco à base de carne bovina da Oxo, que os corredores recebiam em alguns desses pontos, ou aos “estimulantes disponíveis em caso de colapso” (COOK, 1908, p. 71).

Entretanto, se desconsiderarmos a empatia, estar lá adicionou uma dimensão à minha pesquisa que teria sido impossível adquirir de qualquer outra fonte. As fotografias e o filme Pathé da corrida me deram um significado visual do evento: caminhá-lo me deu um significado físico que os arquivos nunca poderão replicar, ainda que distante do que os maratonistas devem ter sentido.⁹ Assim como Richard Holmes em Hastings, Waterloo ou no Somme, a caminhada me forneceu perspectivas, pontos de vista e sensações físicas de cansaço e fome que não são partes comuns no processo de pesquisa histórica.

Todavia, assim como obter um significado do sentimento físico da corrida, eu também estava em busca do que o percurso poderia me dizer sobre a Londres eduardiana e como ele tem se saído ao longo do século interveniente. Essa era a minha abordagem inspirada em Sinclair, escolhendo um percurso por um significado interno ou por seu formato, que então se torna um mecanismo de exemplificação – como em sua busca por cenas nos romances de P.D. James ou em seu percurso em V gigante pela zona leste de

⁹ Para um exemplo de filmagem de cinejornal da corrida, ver <http://www.britishpathe.com/record.php?id=52311>. Acesso em: 01 out. 2009.

Londres. Em meu caso, o percurso da maratona, com sua ênfase original em se manter longe do centro de Londres e sua inclusão planejada de lugares históricos espetaculares – Windsor, Eton, Harrow –, juntamente com muitas cidades ordinárias de subúrbio ou de mercado – Slough, Uxbrige, Harlesden –, me deram vinte e seis milhas de história.

Através disso, pude olhar para as permanências e mudanças de Holt nas paisagens urbanas e rurais, para a comemoração e o patrimônio histórico de Inglis e Wood, para o sentido de Bale do local esportivo que adquiriu ressonâncias ao longo do tempo, enquanto também mantinha meu falso olho de flâneur atento a coincidências e ironias.

Utilizar o percurso como uma via para descobrir permanências e mudanças na história de Londres envolve trabalhar entre o mapeamento histórico e as fontes primárias da corrida, e caminhar com os olhos abertos para mudanças na arquitetura, locais extintos, lugares renomeados e estradas redirecionadas. As principais mudanças no percurso são, evidentemente, aquelas baseadas no crescimento dos subúrbios e na construção de rodovias.¹⁰ O percurso agora atravessa duas autoestradas, passando por baixo da M4 entre Eton e Slough e sobre a M25 um pouco a oeste de Uxbridge. Além disso, ele atravessa duas principais autoestradas duplicadas: a North Circular Road, ao leste de Wembley, e a Westway, em White City, no último quarto de milha. Essa parte final também foi partida pela extensão da linha central do metrô de Londres. Essas mudanças forçam o pedestre moderno a passar por pontes e caminhos subterrâneos em locais onde os maratonistas de 1908 teriam apenas que ir em frente. Reurbanizações em centros de cidades não corromperam demais o percurso: a linha do percurso de 1908 se perdeu para pequenas distâncias nos centros de Uxbridge e Harrow, mas em Slough, Ruislip, Pinner, Wembley e Harlesden continua com o mesmo formato.

¹⁰ Para uma vista panorâmica da história de Londres no século XX, ver Jerry White (2001).

O percurso foi escolhido, em parte, para evitar distúrbios no tráfego e no comércio, mas a aparentemente incontrolável dependência de habitantes urbanos e suburbanos na posse de carros privados teve impacto no percurso original da maratona. A expansão suburbana também mudou muito a aparência do percurso. Em 1908, Wembley Park representava a fronteira básica de Londres, no que se referia ao percurso. O crescimento da Metroland nas décadas de 1920 e 1930 mudou tudo isso, e o percurso é agora essencialmente suburbano de Uxbridge em diante. Residências, prédios governamentais e lojas ao longo desse trecho permanecem solidamente do período entreguerras, com o bardo de Metroland, John Betjeman, celebrado em um nome de estrada em Harrow. Também existem muitos locais de esporte e lazer do entreguerras e do pós-guerra espalhados ao longo do percurso, incluindo o estádio de Wembley (inaugurado originalmente em 1923, demolido em 2000, com um novo estádio inaugurado em 2007), a piscina pública de Uxbridge (inaugurada em 1935 e atualmente esperando reurbanização), um moderno campo de treino de golfe em Harrow, uma pista artificial de esqui em Uxbridge e o estádio Linford Christie em Wormwood Scrubs, renomeado em homenagem a um atleta olímpico local. Alguns dos pontos de referência nomeados no percurso, como a usina de gás de Pinner, não existem mais, evidência de uma mudança no perfil industrial da área. Ela também é, obviamente, uma paisagem muito mais multicultural do que poderia ter sido em 1908, como é mais obviamente evidenciado nas lojas de comida indiana e chinesa, em uma gama diversificada de locais de culto, incluindo sinagogas, templos sikh, mesquitas e centros de estudos islâmicos, igrejas cristãs evangélicas com congregações predominantemente anglo-caribenhas, e igrejas católicas romanas em comunidades irlandesas.

Todavia, também podemos observar permanências claras ao longo do percurso, aspectos da geografia humana que poderiam ser reconhecidos em 1908. Os três grandes estabelecimentos que apelaram para o sentido de história de Andrew ao planejar o percurso – o Castelo de Windsor, Eton e Harrow – ainda existem, com grande proeminência dos campos de jogos das escolas. O presídio de Wormwood Scrubs permanece resolutamente vitoriano, ao final do percurso. As estradas de ferro utilizadas como pontos de referência podem ter mudado suas iniciais, mas todas ainda existem, assim como a Torre do Relógio do Jubileu, erguida para o jubileu de ouro da Rainha Vitória em 1887, que ainda é um ponto turístico de Harlesden.

Muitos dos pubs e hotéis que foram utilizados pelos maratonistas como pontos de descanso deixaram vestígios. Alguns foram reconstruídos e a maioria foi renomeada, mas as marcas dos originais permanecem: The Crooked Billet, em Iver Heath, The George, em Ruislip, The Poplars, também em Ruislip (agora um asilo para idosos) e outros ainda permanecem como lugares de descanso. Em geral, o percurso nos oferece um microcosmo da Londres eduardiana e de sua sobrevivência e adaptação ao longo de um século.

Além de utilizar o percurso para nos contar uma história sobre a expansão de Londres, também podemos utilizá-lo para procurar evidências da corrida, tanto por artefatos contemporâneos e arqueológicos, como por comemorações subsequentes. Essa é a abordagem baseada no trabalho de Inglis sobre o patrimônio histórico esportivo. A maratona não necessitava de construções específicas, mas o estádio desempenhou um papel importante no drama da corrida, e foi lá que Pietri fez a famosa curva errada na pista e depois caiu diversas vezes antes de receber ajuda para atravessar a linha de chegada. O estádio, a primeira instalação olímpica a ter sido construída para um fim específico no mundo, foi originalmente pensado para permanecer em pé por um ano,

como parte da Exibição Franco-Britânica. No entanto, ele sobreviveu até 1985, recebendo rapidamente o nome de estádio *White City* (Cidade Branca), devido ao reboco branco brilhante utilizado nas edificações temporárias da exposição. O *White City* foi utilizado por muitos desses anos como o centro para atividades atléticas amadoras: os campeonatos da AAA foram disputados lá até 1971, quando o novo estádio em Crystal Palace o sucedeu. O estádio também sediou os eventos de atletismo dos Jogos do Império de 1934, assim como eventos de corridas de cachorros, motociclismo, shows de rock e futebol. Ele foi demolido em 1985, quando a British Broadcasting Corporation (BBC) comprou o terreno, e o local agora abriga o Centro de Mídia da BBC.

A arqueologia do estádio foi destruída, e não há nenhum vestígio remanescente. Todavia, há uma pequena celebração da história olímpica no local, na forma de uma placa comemorativa no prédio da BBC, com a inscrição “ESSE É O LOCAL DA LINHA DE CHEGADA DO ESTÁDIO WHITE CITY, QUE SEDIU AS OLIMPIADAS DE 1908”, no calçamento do pátio do Centro de Mídia. Uma celebração mais específica da maratona se encontra na parte de fora do local, onde uma das ruas é chamada *Dorando Close* (rua sem saída Dorando), em homenagem ao herói italiano. Talvez seja a ainda atual defesa britânica da suposta vitória moral de Pietri, e não da vitória oficial de Hayes, que faça com que o italiano seja celebrado, e não o estadunidense. Aqui, temos uma evidente homologação da BBC e das autoridades locais, o Conselho Londrino de Hammersmith e Fulham, de que os acontecimentos extraordinários que aconteceram nesse ordinário subúrbio londrino são merecedores de celebração pública.

Assim como essas comemorações modernas, um artefato do dia da corrida resistiu, uma marca de milhagem de ferro, na Ponte Barnespool, em Eton. Ela foi movida para uma parte mais alta na parede do que era em sua localização original, como meio de

defesa contra vandalismo e caçadores de troféus. Ela aponta para o norte, indicando aos maratonistas – ou a quem faz uma caminhada moderna – que ainda há vinte e cinco milhas a percorrer, e é ornada com o brasão do Polytechnic, e não com o símbolo olímpico, servindo assim como uma lembrança da informalidade relativa das Olimpíadas anteriores às grandes marcas.



Uma marca de distância e de direção de 1908 remanescente.
Cortesia de <http://lndn.blogspot.com>.

Como um local esportivo que inspira topofilia ou topofobia, de acordo com os textos de Bale, o percurso tem agora pouco a seu favor. Ele ainda atrai seus devotos que correm o percurso, apesar das passagens subterrâneas e das passarelas que quebram o ritmo e acabam com as panturrilhas de corredores cansados. O historiador do atletismo e jornalista John Bryant, por exemplo, correu o percurso vestido como Pietri em seu centenário, 24 de julho de 2008. No entanto, fora desses círculos de especialistas, não há nada mais do que as marca comemorativas nomeadas acima para inspirar entusiasmo da mesma forma que fazem outros locais históricos tradicionais, como Lord's ou Cooperstown.¹¹ As ruas suburbanas de Wembley, Uxbridge, Ruislip e Harlesden são desconhecidas e distantes demais dos eventos, para que tenham alguma repercussão, e a destruição dos estádios garantiu que não houvesse nenhum foco real para que alguém que queira buscar o local da maratona.

¹¹ Lord's, em Londres, é um dos principais campos históricos do críquete, e Cooperstown, no estado de Nova York, EUA, é considerado o local da invenção do baseball (N. do T.).

Na verdade, o próprio percurso declinou rapidamente, compondo apenas parte da maratona do Polytechnic, instituída em 1909. Os Jogos Olímpicos de Londres em 1948, baseados no Empire Stadium, em Wembley, evitou o percurso de 1908, ainda que o percurso original passasse a menos de meia milha ao sul do estádio (MARTIN e GYNN, 2000, p. 186). Ao invés disso, os organizadores de 1948 realizaram sua maratona ao norte do estádio, em um círculo passando por Stanmore e Boreham Wood. Da mesma forma, quando Christopher Brasher e John Disley organizaram a Maratona de Londres em 1981, que veio a se tornar uma das principais corridas de rua do mundo, o percurso de 1908 simplesmente não era uma opção. Seguindo o modelo da cidade de Nova York, a Maratona de Londres foi traçada para atravessar o coração da cidade e passar por lugares especiais, como Greenwich, a Tower Bridge e a Torre de Londres, a Catedral de São Paulo, o Palácio de Buckingham e Westminster – o mesmo centro da cidade que os organizadores de 1908 desejaram evitar (BRYANT, 2006). Não é surpresa que a Maratona Olímpica de 2012 será baseada nesse percurso pelo centro, com seu glamoroso potencial turístico, garantindo que o percurso do Castelo de Windsor à White City afunde ainda mais nos livros de história: nem topofilia, nem topofobia, mas a simples indiferença.

Por fim, o que pude notar com meu olhar de *flâneur*? Que coincidências e ironias históricas pude perceber ao caminhar, sabendo que estava em uma missão que me tornava diferente de todos os outros naquelas calçadas? Uma série de imagens me vêm à cabeça: passando pelos campos de jogos na Eton College, em um projeto de história do esporte, e lembrando a suposta afirmação do Duque de Wellington sobre a batalha de Waterloo ter sido vencida ali; o esplendor do novo estádio de Wembley, com seu embaraçoso passado imperial apagado e com seu arco que pode ser visto a milhas de distância, e esse percurso quase esquecido passando por sua sombra; pichações nas placas de rua de

Dorando Close, a ignorância de um vândalo ameaçando obliterar um dos poucos marcos comemorativos; o marcador de fronteira em pedra, na parede do hospital de Hammersmith, colocado em 27 de julho de 1908, apenas três dias após a corrida, evidenciando o crescimento desses subúrbios na mesma semana da maratona; o único corredor que vi ao longo de todo o percurso; a virtual ausência de pedestres de qualquer tipo em amplas áreas de ruas suburbanas, dominadas por carros, próximo a Uxbridge; um pub da década de 1980 em Ickenham, agora chamado de *Champions sports bar* (bar esportivo Os Campeões); o estádio próximo ao final, nomeado em homenagem a Linford Christie, um herói local e medalhista de ouro posteriormente maculado por alegações de uso de drogas, que foi banido por toda a vida dos Jogos Olímpicos; caminhar pela Artillery Lane, entre o presídio e o hospital, e lembrar de todas as vezes que corri por ali nos anos 1970, na escola; e a chegada do shopping center Westfield, em Shepherd's Bush, a construção que causou a demolição dos últimos prédios remanescentes da Exibição Anglo-Francesa de 1908.

Ainda resta a opção de escrever a corrida no estilo do *Arcades* de Benjamin, ou no de uma das caminhadas de Sinclair por Londres, combinando documentos históricos com observações contemporâneas, pichações e objetos encontrados. Por enquanto, essa abordagem me permitiu comentar sobre o que de outra forma não seria possível, e estabelecer relações entre o passado e o presente que são ricas em autobiografia, emoções e associações subconscientes.

Conclusão

Espero ter defendido a caminhada de campo como um método de pesquisa para os historiadores do esporte, e ter demonstrado, através do estudo de caso do percurso da

Maratona Olímpica de 1908, como essas atividades podem ser realizadas criticamente, e não simplesmente vivenciadas, tal qual faria um antiquarista. Tais visitas podem proporcionar perspectivas que não poderiam ser alcançadas de outro modo, tanto fisicamente, por estar lá, como mentalmente, por entender o lugar e o esporte de uma forma que os arquivos sozinhos não podem possibilitar. Inconvenientes menores, especialmente aqueles lançados ao pesquisador pelo clima, valem o esforço. Historiadores com deficiência de mobilidade podem não conseguir acessar alguns desses lugares, o que fortalece a necessidade de que mais pesquisas desse tipo sejam realizadas e disponibilizadas através de visitas virtuais, por exemplo, ou através de websites ilustrados. Para historiadores olímpicos em especial, esse tipo de abordagem pode ter um efeito democratizante, uma vez que ele recupera a história olímpica nos subúrbios onde aconteceram, e coloca esses lugares ordinários – nesse caso, Slough, Harlesden e os demais – de volta na história.

Além de ser um benefício para pesquisadores, a caminhada de campo pode ser uma valiosa ferramenta de aula. É clichê dizer que visitar um lugar pode trazer o passado de volta à vida, mas pela minha utilização dessa abordagem com alunos de graduação, fica evidente que muitos alunos compreenderam melhor o desenvolvimento histórico do esporte em comunidades urbanas ao visitar algum estádio esquecido, do que teriam conseguido através do uso exclusivo de documentos. Estar lá deu a eles ideias físicas e emocionais: vi estudantes lutarem contra o nó em suas gargantas ao adentrarmos os portões de um condomínio que eles repentinamente reconheciam como um antigo campo de futebol. Tive alunos mais velhos que produziram espontaneamente valiosos testemunhos orais para seus colegas mais novos, quando visitamos o local de uma piscina

pública que agora é um estacionamento, ao contarem aos outros sobre a natureza social e comunitária das piscinas públicas.

Há também evidentes benefícios à comunidade nesse tipo de abordagem, uma vez que pode ajudar no reconhecimento de locais esportivos nos roteiros das cidades e em exposições locais. Isso pode levar, é claro, ao tipo de “arquitetura oficialmente aprovada e publicada” que Sinclair desaconselhava (SINCLAIR, 1997, p. 121), mas isso pode ser um preço que vale ser pago, se ajudar o patrimônio histórico esportivo a ser levado mais a sério.

Referências

BALE, John. Landscapes of modern sport. Leicester, U.K.: Leicester University Press, 1994.

_____. Running cultures: racing in time and space. Londres: Routledge, 2004.

BEAUCHAMPÉ, Steve; INGLIS, Simon. Played in Birmingham: charting the heritage of a city at play. Londres: English Heritage, 2006.

BENJAMIN, Walter. The Arcades Project. Cambridge, Mass.: Belknap Press, 1999a.

_____. The Return of the Flâneur. In: _____. Selected writings. volume 2: 1927-1934. Cambridge, Mass.: Belknap Press, 1999b.

BRYANT, John. The London marathon. 2 ed. Londres: Arrow, 2006.

_____. The marathon makers. Londres: John Blake, 2008.

COOK, Theodore (org.). The fourth Olympiad: being the official report of the Olympic Games of 1908 celebrated in London under the patronage of His Most Gracious King Edward VII and by the sanction of the International Olympic Committee. Londres: British Olympic Association, 1908.

GORDON, Ian; INGLIS, Simon. Great lengths: the historic indoor swimming pools of Britain. Londres: English Heritage, 2009.

HOLMES, Richard. Army battlefield guide: Belgium and Northern France. Londres: HMSO, 1995.

_____. The complete war walks from Hastings to Normandy. Londres: Ebury, 2003.

HOLT, Richard. Sport and the British: a modern history. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOSKINS, W.G. Local history in England. 3 ed. Londres: Longman, 1984.

INGLIS, Simon. Played in Manchester: the architectural heritage of a city at play. Londres: English Heritage, 2004.

_____. Engineering Archie: Archibald Leitch - football ground architect. Londres: English Heritage, 2005.

JENKINS, Rebecca. The first London Olympics 1908. Londres: Piatkus, 2008.

JENKS, Chris. Watching your Step: The History and Practice of the Flâneur. In: _____ (org.). Visual Culture. Londres: Routledge, 1995.

MALLON, Bill; BUCHANAN, Ian. The 1908 Olympic Games: results for all competitors in all events, with Commentary. Jefferson, N.C.: McFarland, 2000.

MARTIN, David; GYNN, Roger. The Olympic marathon: the history and drama of sport's most challenging event. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 2000.

NOAKES, Tim. Lore of running. 4 ed. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1986.

PHYSICK, Ray. Played in Liverpool: charting the heritage of a city at play. Londres: English Heritage, 2007.

POLLEY, Martin. From Windsor Castle to White City: the 1908 Olympic marathon route. The London Journal, n. 34, 2009, p. 163-178.

SCHAMA, Simon. Landscape and memory. Londres: Harper Collins, 1995.

SINCLAIR, Iain. Lights out for the territory. Londres: Penguin, 1997.

_____. London orbital: a walk around the M25. Londres: Penguin, 2003.

_____. Hackney, that rose-red empire: a confidential report. Londres: Hamish Hamilton, 2009.

SMITH, Janet. Liquid assets: the lidos and open air swimming pools of Britain. Londres: English Heritage, 2005.

WILCOCK, Bob. The 1908 Olympic Games, the Great Stadium and the marathon: a pictorial record. Brentwood, U.K.: The Society of Olympic Collectors, 2008.

WHITE, Jerry. London in the twentieth century: a city and its people. Londres: Viking, 2001.